

De fato e ficção

Depois que PT e PDT realmente firmaram uma aliança eleitoral com Leonel Brizola, aceitando – só em tese, como se vê – o papel de coadjuvante, é um risco duvidar do que quer que seja nesse mundo. Sendo assim, não é prudente também examinar os movimentos de José Sarney pela lógica dos comuns e apostar que a conversa sobre sua candidatura à Presidência da República seja apenas uma conversa. Parte de um jogo que a todos soa familiar.

Uma pergunta, porém, ainda não foi feita ao senador, ex-presidente da República cujo apreço pela vida parlamentar o fez recorrer a um estado (Amapá) que não o seu de origem para disputar um mandato e não passar anos fora da cena principal da política, como de resto é absolutamente legítimo a quem tem na política sua profissão.

A pergunta é a seguinte: o hoje senador estaria disposto a ficar sem mandato? Dado que o seu expira agora, pois foi eleito em 1990, e que a eleição de presidente da República representa, no mínimo, alto risco, se não disputar outro período no Senado, em caso de derrota para a presidência Sarney voltaria à planície por pelo menos dois anos. Isso na melhor hipótese, pois as próximas eleições serão municipais.

Na entrevista que deu à revista *IstoÉ*, o senador condicionou sua candidatura à unidade do PMDB ressaltando que, se resolvesse mesmo enfrentar o desafio, o grupo hoje fechado com Fernando Henrique se uniria em torno dele.

Ora, pois bem. Se o senador que é figura das mais importantes nesse país e uma referência inequívoca em seu próprio partido tem mesmo essa capacidade de promover a unidade, por que é mesmo que ainda não o fez? Qual a razão de ter deixado o PMDB na situação limite de divisão que é a realização de duas convenções cujas decisões serão solenemente ignoradas pelas alas em conflito?

Considerando essas evidências e ainda o fato de que domingo, dia da convenção do PMDB, o senador estará na Europa, é grande a chance de que estejamos diante de uma ficção. Digna do romancista em questão.